

Biografias e autobiografias: a trajetória de revolucionários sob a ótica da História Social



O filho do homem, de
René Magritte, 1946,
óleo sobre tela,
fotografia, montagem
(detalhe).

Daniel Aarão Reis

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor emérito da Universidade Federal Fluminense (UFF), na qual se vincula ao Instituto de História e ao Instituto de Estudos Estratégicos. Pesquisador do CNPq. Autor, entre outros livros, de *Na corda bamba: memórias ficcionais*. Rio de Janeiro: Record, 2024. daniel.aaraoreis@gmail.com

Biografias e autobiografias: a trajetória de revolucionários sob a ótica da História Social

Biographies and autobiographies: the trajectory of revolutionaries from the perspective of social history

Daniel Aarão Reis

RESUMO

O artigo, numa primeira parte, discute a possibilidade das biografias e autobiografias se tornarem capazes de iluminar processos históricos relevantes, por valorizarem o agir humano, sempre imprevisível, mas decisivo para o acontecer histórico. Num segundo momento, apresentam-se disposições básicas para a elaboração das biografias ou autobiografias: a empatia, o senso da verdade, a resistência à vigilância institucional ou social e a avaliação equilibrada dos desafios. Também são discutidos critérios fundamentais: a elaboração da contextualização social, a concepção da imprevisibilidade da história, a consideração das múltiplas dimensões da vida e a explicitação dos motivos que levam cada autor a escolher as pessoas que vão biografar. Na parte final do texto, consideram-se rapidamente exercícios a que tenho me dedicado: as biografias de Alexandre Nicolaevitch Raditchev (1749-1802); Alexandre Ivanovitch Herzen (1812-1870); Luis Carlos Prestes (1898-1990), Julius Ossipovitch Tserderbaum, o Martov (1873-1923) e a autobiografia (ficcional/1946-2050?).

PALAVRAS-CHAVE: biografias; autobiografias; revolucionários.

ABSTRACT

The article, in its first part, discusses the possibility of biographies and autobiographies becoming capable of illuminating relevant historical processes, by valuing human action, always unpredictable, but decisive for historical events. In the second part, basic dispositions for the elaboration of biographies or autobiographies are presented: empathy, a sense of truth, resistance to institutional or social surveillance, and a balanced assessment of challenges. Fundamental criteria are also discussed: the elaboration of social contextualization, the conception of the unpredictability of history, the consideration of the multiple dimensions of life, and the explicitation of the reasons that lead each author to choose the people they will biograph. In the final part of the text, exercises to which I have dedicated myself are briefly considered: the biographies of Alexander Nikolaevich Radichev (1749-1802); Alexander Ivanovich Herzen (1812-1870); Luis Carlos Prestes (1898-1990), Julius Ossipovitch Tserderbaum, Martov (1873-1923) and the autobiography (fictional/1946-2050?).

KEYWORDS: biographies; autobiographies; revolutionaries.



Antes de entrar propriamente no texto, gostaria de esclarecer seu sentido e sua composição. Uma primeira parte versará sobre disposições e critérios que informam ou deveriam informar a escrita biográfica. Uma segunda

parte apresentará alguns aspectos dos estudos biográficos a que já me dediquei e a que venho me dedicando.

As biografias e as autobiografias sempre mereceram o gosto dos leitores, desde Homero, patrono dos historiadores. Seduzindo e encantando. Formando a tessitura das histórias que as pessoas gostam de ler e de compartilhar. A rigor, nunca saíram de moda. Na sua forma heroica prevaleceram, incontáveis, durante séculos. Tendo sofrido questionamentos, fundamentados, caíram em desuso nas alturas rarefeitas das academias, mas nem assim sofreram maior abalo junto ao distinto público. Há algumas décadas, e felizmente, reapareceram, redefinidas, nos circuitos universitários.

Digo, felizmente, por uma dupla razão: de um lado, retomando-as, os pesquisadores universitários recuperaram contacto com um gênero imensamente popular, aproximando-se das sociedades em que vivem. De outro lado, redefinindo-as, segundo novas disposições e critérios, tem sido possível fazer delas uma porta de entrada profícua à compreensão das sociedades, contribuindo para a superação da ideia de que os heróis, isolados, entregues apenas a si mesmos, fazem e desfazem a história pela própria vontade, mas, ao mesmo tempo, mostrando que sem agir humano não existe história, que esta não se realiza conforme leis objetivas imponderáveis, que as circunstâncias podem – e são sempre – alteradas, em certos limites, imprevisíveis, pela ação humana.

Esta pode ser, e tem sido, a grande virtude das biografias e autobiografias devidamente reconsideradas. Evidenciar a importância incontornável das ações humanas nas circunstâncias que são as suas, mas que jamais serão as mesmas uma vez modificadas por essas mesmas ações.

Trata-se de refletir sobre as disposições e os critérios que devemos ter em vista para, reconhecendo às ações humanas seu lugar próprio e sua significação irreduzível, não perdermos de vista as circunstâncias e o contexto em que elas se realizam.

Biografias, história e sociedade: disposições e critérios

No trato das biografias, as boas práticas historiográficas têm proposto disposições e critérios. Entre as disposições, distinguem-se três. A primeira diz respeito à empatia. Dizem os dicionários que a empatia é a capacidade de tentar se ver sem restrições no lugar de outra pessoa, de cultivar a sensibilidade pelos seus sentimentos, de tentar perceber o modo como a pessoa apreendia suas circunstâncias e os seres com quem convivia. Não apenas do ponto de vista racional, suas escolhas conscientes, mas também, às vezes, principalmente, suas emoções, pois, em dadas circunstâncias, as pessoas se comportam mobilizadas mais pelos sentimentos do que por eventuais opções racionais.

A empatia é condição indispensável para trabalhar qualquer tipo de objeto, e se torna verdadeiramente essencial para estudar trajetórias pessoais. Mas ela não deve ser confundida com a simpatia, que se verifica quando se compartilham ideias, pensamentos, emoções e identidades. A simpatia não anula a capacidade de compreender a trajetória das pessoas, mas pode prejudicá-la eventualmente, pois a identificação emocional e racional pode alterar positiva ou negativamente a compreensão e pode se tornar um obstáculo à observação de duas outras disposições, igualmente essenciais e sobre as quais refletiremos a seguir.

A segunda disposição diz respeito ao senso da verdade. Sempre me impressionou um antigo conselho que, durante anos, considerei paradoxal: “busquem incessantemente a verdade, mas fujam de quem a encontrou”. André Gide ia no mesmo sentido, quando sugeria: “confie naqueles que buscam a verdade, mas desconfie dos que dizem já tê-la encontrado”. A disposição também é válida para o estudo de qualquer objeto, mas, nos casos concretos das biografias, torna-se especialmente importante.

A compreensão do aconselhamento passa pela incorporação de uma certa dose de ceticismo, derivada da percepção de que a verdade não é necessariamente única e absoluta, pode coexistir com outras e, mais importante, pode ser mutante ao longo do tempo, das condições e do grau de conhecimento do objeto, da formação dos próprios pesquisadores, de ângulos de observação e de percepção que podem se alterar – e se alteram – segundo as circunstâncias. Por isso é que é importante tomar prudente distância dos “donos da verdade”.

Cultivar o sentido da verdade significa se esforçar para nada ignorar. Mesmo quando alguns aspectos – descobertos – colocam em questão determinadas premissas ou hipóteses, avaliadas até então como definidas, e dadas como certas. Nada omitir, mesmo episódios ou relatos ou documentos e testemunhos que contradigam proposições gerais ajuizadas como certas e definitivamente estabelecidas. Nada distorcer, em proveito de suas próprias premissas e pré-conceitos. Afastar-se da ideia de tornar lisa e sem rugosidades a exposição e reto um argumento acossado por curvas inesperadas, mas evidentes.

Também convém não aceitar a vigilância dos patrulheiros das histórias oficiais. As histórias e as memórias oficiais encontram-se em toda a parte. Nos Estados e em suas máquinas de propaganda e de engano. Nas instituições, que protegem caninamente suas burocracias, afugentando as investigações independentes. Nos partidos políticos, apenas comprometidos com uma incessante busca pelo poder e numa história retrospectiva isenta de contradições e de ziguezagues. Na glorificação impudente dos grandes líderes carismáticos que se apresentam como imunes à crítica, detestam as restrições e as conjunções adversativas e celebram coerências impossíveis e congruências inalcançáveis.

A vigilância é empreendida por inimigos e amigos, à direita e à esquerda.¹ Na polarização inevitável das lutas políticas, os lados em disputa excluem-me mutuamente, atribuindo-se virtudes que não têm, tentando capturar em seu benefício exclusivo as falsificações e as misérias alheias. Difícil escapar completamente do patrulhamento, sobretudo em épocas de radicalização e de polarização. No contexto da atual revolução digital, à qual vem se acoplando, há alguns anos, a nova revolução da Inteligência Artificial, formam-se nas mídias (anti) sociais, bolhas de sectarismo incandescente, acentuando as cobranças, as intimações, os cancelamentos e as intimidações, emparedando os pesquisadores, impelidos a se manifestar, a “tomar partido”, dificultando a preservação do equilíbrio de avaliações e conclusões.

¹ Cf. LABORIE, Pierre. *Historiens sous haute surveillance*. *Esprit*, n. 198, Paris, 1994, e FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

Entretanto, como dizia o poeta, “navegar é preciso”. Na busca da verdade, o critério maior é que os resultados da pesquisa correspondam aos achados feitos e que o pesquisador esteja de acordo com a sua própria consciência, pois ele deve se considerar o único juiz de suas ações e de seus escritos.

Uma terceira disposição diz respeito aos desafios que se apresentam no âmbito da pesquisa. Trata-se de não ignorá-los ou fingir que não existem. Às vezes, é possível superá-los. Mas nem sempre há meios e modos de fazê-lo. Nestes casos, cumpre compartilhá-los com o leitor, inclusive evidenciando lacunas que as pesquisas não conseguiram evitar. No curso das pesquisas biográficas e autobiográficas que levei a cabo, tentei observar estas disposições. Vale a pena considerá-las, sempre. Delas depende o bom êxito do trabalho.

Além destas disposições básicas, quatro outros critérios têm merecido realce na historiografia dedicada às biografias. Restaurado – e renovado – em boa hora o interesse pelas biografias e autobiografias, um primeiro critério importante para conservar uma boa direção é que as trajetórias dos personagens escolhidos como objetos de estudo sejam devidamente contextualizadas. O contexto social não esgota as possibilidades de uma vida, ao contrário, num mesmo contexto a margem de opção é sempre relativamente ampla. Diz um provérbio: “nunca indague as circunstâncias que fizeram você, mas o que você fez das circunstâncias que fizeram você”. Um outro dito popular completa: “não se limite a pensar o impacto dos traumas vividos por você, mas pense no que você fez depois de ter vivido os traumatismos que a vida lhe impôs”. As pessoas de caráter tendem a incorporar estas duas orientações, não se deixando determinar exaustivamente por circunstâncias adversas. Há limites para as ações humanas, mas esses limites não são rígidos nem é possível predeterminá-los com exatidão, inclusive porque a ação humana, muita vez, amplia esses limites.

Captar esse agenciamento complexo é um desafio com que a escrita biográfica ou autobiográfica deve lidar: a individuação excessiva retoma, às vezes involuntariamente, a tradição heroica das biografias tradicionais que, apesar de sempre sedutora, quando bem escrita, não contribui para esclarecer o tempo vivido pelo biografado nem a sua própria trajetória individual. A orientação adequada tem mão dupla, pois, de uma demasiada ênfase no contexto social, pode surgir uma pessoa que é apenas um resultado mecânico de sua época, um prisioneiro inerte de suas circunstâncias. Quando se fala em contexto não se tem em vista apenas as grandes conjunturas econômicas, políticas, sociais e culturais que vão modelando sucessivamente os quadros em que se verificam as ações humanas, mas também os limites oferecidos ou impostos pelas circunstâncias de vida mais particulares: o(s) país(es), a(s) cidade(s), a(s) ocupação(ões) profissional(ais), a(s) família(s), além de uma série diversa de acontecimentos importantes que sempre condicionam as trajetórias humanas. Assim, do que se trata é de se alcançar uma concepção dialética entre contexto social – compreendido na diversidade de fatores e condicionamentos – e trajetória individual –, opções assumidas nas margens possíveis de ação, em suas relações mútuas e complexas.

Um segundo critério diz respeito à imprevisibilidade da história – social e individual. Ao contrário dos exercícios de memória que tendem, quase sempre, a ordenar o passado de forma linear; ao contrário do que dizem os profetas do passado, segundo os quais o que aconteceu tinha mesmo de acon-



tecer, do que resulta uma história engessada, como que formada por casamatas de cimento armado, sem alternativas, ao contrário desses parâmetros, tanto mais comuns quanto enganosos, a história viva sempre surpreende. Pierre Bourdieu matou esta charada.² Edgar Morin observou, sagaz, que é o improvável que frequentemente acontece, apesar dos anseios humanos, nunca remidos, de congruência e de coerência.³

Cabe aos historiadores, sempre que é possível, explicar e interpretar o que aconteceu no passado, mas nunca perdendo de vista as hipóteses que não vingaram, as propostas derrotadas, em suma, o que poderia ter acontecido de outra forma. Nas biografias e nas autobiografias, é necessário captar os estranhos vieses, as esquinas da vida, as incoerências, as acrobacias, os saltos triplos carpados, as rupturas, as fraturas, os inesperados, pois a vida não tem script, e é importante, ao recuperar as trajetórias vivas das pessoas, mostrar que os desenhos que foram se formando se fizeram, se desfizeram e se refizeram continuamente.

Um terceiro critério tem a ver com as múltiplas dimensões da vida. Há biografias intelectuais, uma espécie de celebração da razão humana. Não parecem lidar com pessoas, mas com cérebros. As ideias vão sendo apresentadas, nem sempre sem talento, através do tempo, encadeando-se umas com as outras, com pouca ou nenhuma menção às demais dimensões da vida. Há biografias políticas, em que a ação política ganha extrema relevância, submetendo as demais facetas da existência. Tais biografias, e outras mais, que se decidem a explorar em profundidade aspectos particulares das trajetórias de vida, podem ser positivas e construtivas, mas, por parciais, transmitem uma imagem mutilada do biografado. Porque cada ser humano tem múltiplas identidades e integra, ao mesmo tempo, razão e emoção, vida pública e vida privada, vida política e vida pessoal, vida de pensamento e vida amorosa.

A biografia deve ser capaz de apanhar o conjunto desses aspectos porque, na prática da vida, eles se entrelaçam e pode se tornar impossível perceber certas opções e nuances, certas escolhas e mutações, certas contradições e certos sentidos ou sem-sentidos de uma existência, sem que se considere essa multiplicidade, essa interrelação permanente de aspectos que faz a riqueza do ser e da vida humanos.

Antes de terminar, seria importante considerar um questionamento, que sempre aparece e que tem fundamento: como legitimar a escolha de determinadas pessoas para se tornarem objeto de uma biografia e não outras, por que escolher alguns personagens e não outros? Trata-se de um outro ângulo de ataque às biografias heroicas, tradicionais, eis que nem sempre os escolhidos são suficientemente expressivos para, em sendo retratados, retratarem uma época, o tempo em que viveram.

Assim, o biógrafo precisa esclarecer os critérios e as premissas que usou para selecionar seus biografados, demonstrando porque as trajetórias biografadas seriam expressivas, ou seja, quais os critérios que evidenciam a expressividade de certas trajetórias. Creio que o critério da expressividade ficou bem demonstrado por Carlo Ginzburg, ao evidenciar que a trajetória de

² Ver BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

³ Ver MORIN, Edgar. *La complexité humaine*. Paris: Flammarion, 2008.

um ser humano comum pode ser extraordinariamente expressiva para ajudar a compreender o contexto social e cultural da época em que viveu. Muito mais expressiva, às vezes, do que a dos “grandes” de sua época.⁴

Do que se trata é, portanto, esclarecer e evidenciar, na própria escrita da biografia, a expressividade do biografado, apresentando sua trajetória como capaz de indicar as tendências do contexto social e cultural, de modo que os leitores possam ter uma visão da época histórica vivida pelo biografado através do estudo de sua trajetória. Não necessariamente das tendências predominantes na época, mas, às vezes, das contratendências, das propostas alternativas que, embora não tendo prevalecido, por sua expressividade, possam revelar não apenas “uma outra história” que poderia ter existido, mas também – em negativo – o contexto político e cultural hegemônico.

Ainda uma palavra sobre a biografia ficcional porque a ela recorri recentemente. No caso, a autobiografia ficcional. Considerei aí aspectos práticos: desejava evitar sensibilizar pessoas ainda vivas ou, tendo já morrido ou sido mortas, seus familiares ou entes queridos. Mas o aspecto fundamental tem a ver com a compreensão – precisaríamos de um outro seminário para debater esta questão – de que a ficção tem melhores condições de captar o ser humano em sua complexidade do que as histórias *soi-disant* científico-acadêmicas. Penso que os historiadores têm, cada vez mais, e com acerto, recorrido à literatura e à ficção não apenas para ilustrar seus discursos, mas assumindo a ficção como produtora original de conhecimentos de uma forma que é só dela e que pode certamente enriquecer, não apenas a trajetória do biografado em suas várias dimensões (razão/emoção; vida pública/vida privada, entre outras), mas também outras facetas do processo histórico não apreensíveis pela chamada história científica.

Exercícios biográficos e autobiográficos

Queria agora compartilhar alguns exercícios biográficos a que me dediquei, além de um outro, recente, versando uma autobiografia ficcional. Já escrevi dois esboços biográficos e uma biografia. Além disso, escrevi, como referido, uma autobiografia ficcional e, neste momento, me dedico a um trabalho de fôlego que tem como objeto uma outra biografia. Os esboços biográficos foram dedicados a duas figuras históricas da tradição revolucionária russa: Alexandre Nicolaevitch Raditchev (1749-1802)⁵ e Alexandre Ivanovitch Herzen (1812-1870).⁶

A biografia publicada dedicou-se a refletir sobre a trajetória de Luis Carlos Prestes (1898-1990). A autobiografia ficcional examinou parte da minha própria vida (1946...2050?) e o estudo biográfico a que me dedico atualmente escolheu como objeto a figura histórica – mas esquecida – de Julius Ossipovitch Tseuderbaum, o Martov (1873-1923).

⁴ Ver GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁵ Ver RADITCHEV, Alexandre Nicolaevitch. *Путешествие из Петербурга в Москву [Viagem de St. Petersburg para Moscou]*. Paris: Booking International, 1994.

⁶ Ver HERZEN, Alexandre Ivanovitch. *БЫЛОЕ и ДУМЫ [Passado e meditações]*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1974 (Collection Classiques Slaves. Apresentado, traduzido e comentado por Daria Olivier).

Não enuncio este prontuário para aparecer como autoridade no assunto. Não o sou. E não o digo por falsa modéstia. A rigor, entrei no continente das biografias, como o fiz na História Oral (cujos procedimentos ainda uso – às vezes, abuso), como aquele burguês de Molière, que “fazia prosa sem saber”. Assim, acabei fazendo ou acredito que acabei fazendo História Oral sem um saber prévio, só posteriormente lapidado. Da mesma forma, entrei no campo da biografia, apenas com as armas de algumas disposições, acima referidas: a empatia, a busca da verdade e a disposição de lidar com desafios. E informado pelos critérios, também já enunciados: a necessidade de contextualizar socialmente as trajetórias pessoais, a imprevisibilidade da história e as múltiplas dimensões da vida.

Consideremos, portanto, o que se segue como uma intenção singela: compartilhar minha experiência de escrever biografias e uma autobiografia (ficcional).

Os esboços biográficos: Alexandre Nicolaevitch Raditchev (1749-1802) e Alexandre Ivanovitch Herzen (1812-1870)

Os textos biográficos, publicados nos primeiros anos do atual século⁷, referem-se a estudos que eu então empreendia no quadro de um projeto de pesquisa maior, sobre as alternativas de modernidade, para além do modelo liberal.

Os intelectuais russos destacavam-se neste contexto. De um lado, os que chamei de “intelectocratas”, pois, integrados nas altas esferas do Estado, lideravam importantes reformas políticas no Império russo. De outro, os inteligentes, revolucionários que aspiravam à derrubada do regime tsarista, como condição geral para que a Rússia se libertasse de seus atrasos seculares. Ambas as vertentes abominavam o liberalismo europeu e estavam comprometidas em encontrar caminhos alternativos.

Além de Herzen e Raditchev, entendia então formular outros dois estudos biográficos, sobre os irmãos Dmitri e Nicolau Miliutin, paradigmas da “intelectocracia” russa, mas as circunstâncias infelizmente não permitiram que esta parte do projeto se concretizasse. Nem mesmo consegui aprofundar os estudos sobre os dois revolucionários citados. Ficaram as reflexões, talvez condicionadas por uma declarada (excessiva?) simpatia pelos revolucionários, o que não se confunde, como tentei explicar acima, com a empatia, sempre necessária e mesmo indispensável.

Figurei Raditchev, talvez um pouco ousadamente, como precursor do vasto movimento populista russo. Percebi nele três características, entre outras, que me pareciam justificar a abordagem: a crítica a um dos principais fundamentos do regime, a servidão; a defesa intransigente da liberdade que acarretou sua prisão e, depois, condicionaria o ato supremo do suicídio; e a

⁷ Sobre Alexandre Nicolaevitch Raditchev, ver AARÃO REIS, Daniel. Entre ética e política, entre reforma e revolução: os intelectuais na longa marcha das alternativas ao capitalismo liberal (séculos XIX e XX). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, MATTOS, Hebe Maria e FRAGOSO, João (orgs.). *Escritos sobre história e educação: homenagem à Maria Yedda Leite Linhares*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2001. Sobre Alexandre Ivanovitch Herzen, ver AARÃO REIS, Daniel. *Revolução e liberdade: a trajetória de Alexandre Herzen*. *Verve*, n. 3, São Paulo, 2003.

coragem de enfrentar o Estado, apenas para ser fiel às suas convicções, sem que a mínima condição de vitória apontasse no horizonte. Tais características acompanhariam a gesta da intelligentsia russa ao longo dos séculos XIX e XX e marcam, até os dias de hoje, as lutas dos intelectuais russos contra o Estado.⁸

Alexandre Herzen retomou esse caminho nos anos 1840 e se tornou um autor clássico, incontornável, no estudo da trajetória do populismo russo. Também ele se tornaria um defensor intransigente da liberdade face ao Estado, tendo passado a maior parte de sua vida no exílio onde, afinal, faleceu. Entretanto, o que mais me chamou a atenção em sua trajetória foi a valorização da vida humana e a desconfiança das teorias e propostas salvacionistas, partidárias do uso indiscriminado da violência revolucionária, considerando o seu uso – e abuso – como tendo a suposta virtude de uma vingança purificadora. Dizia e repetia Herzen: nenhuma grande ideia vale uma vida humana. E por isso viu com preocupação o caráter limitado da abolição da servidão em 1861, ensejando frustrações e ressentimentos históricos, pressagiando futuros apocalipses. A partir da leitura de Herzen, amadureci uma perspectiva crítica ao catastrofismo revolucionário, tão importante – e tão funesto – no curso das revoluções que ocorreriam ao longo do século XX.

Tais estudos, entretanto, ficaram apenas no nível de esboços. Faltou maior exploração de fontes. Melhor contextualização social e histórica. Mais acuidade no desvelamento das contradições e dos ziguezagues de suas trajetórias.

A biografia de Luis Carlos Prestes

O desafio de escrever uma biografia de fôlego veio anos mais tarde, por solicitação da editora Companhia das Letras. A ideia era inserir o estudo da trajetória de Prestes numa coleção mais ampla, a meio caminho entre estudos críticos e obras para grande divulgação, como os itinerários já publicados de D. Pedro I, D. Pedro II, Castro Alves e Getúlio Vargas, entre outros.

Entretanto, talvez pelo ineditismo, provavelmente em virtude de duração e da complexidade da vida de Prestes, das múltiplas fontes, em países diversos, e pelo intrincado de suas variadas dimensões, algumas de difícil acesso, outras, inacessíveis, o trabalho cresceu, ampliando-se, chegou a mais de mil páginas, afinal reduzidas para pouco mais de 500.⁹

O primeiro desafio foi despojar-me de conceitos e pré-conceitos já elaborados sobre Prestes. Faço parte de uma geração de intelectuais de esquerda que foi surpreendida no começo da juventude pela instauração da ditadura civil-militar em 1964. Uma derrota política catastrófica levando de roldão referências construídas durante anos, expulsando da vida política institucional partidos, tendências e lideranças consagradas. Como sempre acontece nesses casos, houve uma tendência a crucificar os principais dirigentes das grandes tendências derrotadas. Renovava-se então a tradicional – e bíblica – caça aos

⁸ O movimento populista russo é estudado por vasta bibliografia. Ver o clássico de VENTURI, Franco. *Les intellectuels, le peuple et la révolution: histoire du populisme russe au XIXème siècle*. Paris: Gallimard, 1952, e, em português, BERLIN, Isaiah. *Os pensadores russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁹ Ver AARÃO REIS, Daniel. *Luis Carlos Prestes, um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

bodes expiatórios. Entre elas, e principalmente, João Goulart, o Jango, líder maior do trabalhismo brasileiro, então presidente da República; e Luis Carlos Prestes, dirigente consagrado do Partido Comunista Brasileiro, o velho Partidão. Jovem ainda, então com apenas 18 anos, adepto, logo em seguida, da opção de lutar contra a ditadura com armas nas mãos, não foi possível evitar o envolvimento por essas prevenções.

Passados os anos, o amadurecimento político, pessoal e emocional faria o seu trabalho e permitiria uma visada diferente do processo político, contextualizando historicamente aquela derrota política e a participação e responsabilidade efetivas daquelas lideranças. Entretanto, era necessário combater ranços remanescentes e lidar com cobranças patrulheiras dos contemporâneos que me indagavam: “e, então, vais absolver o Velho?”

As boas biografias, como sabemos, assim como o trabalho histórico em geral, não condenam nem absolvem, apenas ajudam, quando podem, a compreender. Sem prejuízo, evidentemente, dos juízos de valor dos historiadores. E foi com essa referência, e mais as disposições critérios enunciados acima, que dei início à pesquisa sobre a trajetória de Luis Carlos Prestes.

Foi uma caminhada árdua e complexa. Consultar as numerosas entrevistas ou falas do próprio Luis Carlos Prestes, algumas transcritas, a maioria, não. Checar seus depoimentos e escritos, editados ou transcritos, sobre ele mesmo ou sobre os tempos em que viveu. Averiguar depoimentos, autobiografias ou biografias de companheiros de diferentes jornadas, além de estudos a respeito de diversos momentos de sua vida: desde a infância e a juventude, passando pela formação intelectual e militar, desde a longa marcha na Coluna histórica até as últimas lutas no interior dos brasis e, um pouco mais tarde, já fora do PCB, visitando inclusive os principais lugares por onde passou, em sua movimentada trajetória como militante e dirigente comunista. Aprofundar as pesquisas sobre as duas sociabilidades básicas de Prestes: o tenentismo e o comunismo, evitando sempre que possível a história retrospectiva. Entrevistar os familiares e também velhos camaradas, amigos e inimigos. Explorar, ainda, os arquivos internacionais, em particular, o da Internacional Comunista, em Moscou, e os arquivos norte-americanos, em Washington.¹⁰

O texto biográfico suscitou polêmica, solicitações de correção e elogios, complementações e insultos, enfim, o que já era previsto. E obteve, o que eu não esperava, o prêmio Jabuti para biografias publicadas em 2014. Um reconhecimento. O trabalho teve as vantagens e as desvantagens do pioneirismo. Os textos já existentes sobre o personagem eram celebrações ou hagiografias. Importavam, e ainda importam, mais como documentos de uma época ou relativos aos seus autores, do que como estudos biográficos. Espero que surjam novas próximas biografias sobre Prestes. Trarão, certamente, novos ângulos e aperfeiçoarão o trabalho empreendido, preenchendo suas lacunas e ampliando consultas a nova fontes.

¹⁰ O detalhamento do percurso da pesquisa está em *idem, ibidem*, p. 509-514.



A autobiografia ficcional

Hesitei muito antes de escrever uma autobiografia. Quando pensava no assunto, vinha-me à cabeça o conselho de um antigo político: “não escrevo autobiografia, porque, se o fizer, não haverá mais nada depois dela, senão morrer”. Assim, ia postergando para o dia de São Nunca.

Entretanto, o recurso à ficção me destravou. Por uma dupla razão: de um lado, considerações de ordem prática – recorrendo à imaginação, evitaria sensibilizar pessoas ainda vivas ou, tendo já morrido ou sido mortas, seus familiares ou entes queridos. Por mais que a ficção tenha laços com acontecimentos ou histórias realmente vividos, em seu âmbito, pode-se dizer que qualquer semelhança é mera coincidência. No pacto entre autor e leitor já não se exigirá uma pretensa fidelidade entre o narrado e o que presumivelmente aconteceu. Além disso, a ficção me permitiria escapar do cerco crítico dos colegas historiadores, uma vez que eu estaria dispensado de notas e de referências a fontes.

A escolha pelo exercício livre da imaginação, porém, teve um outro aspecto, fundamental: quero me referir à compreensão de que a ficção tem melhores condições de captar o ser humano em sua complexidade, em suas múltiplas dimensões, do que a história soi-disant científico-acadêmica. Penso que os historiadores, cada vez mais, e com acerto, têm recorrido à literatura e à ficção como produtora original de conhecimentos, ou seja, de uma forma que é só dela e que enriquece outras formas de apreensão do processo histórico.¹¹

Concebi a autobiografia parcial em três partes: a participação nas lutas estudantis; a opção pelo enfrentamento armado contra a ditadura, a derrota do projeto revolucionário, a prisão e o exílio; o retorno à Terra dos Papagaios com sua feira de dificuldades e alegrias. A escrita adotou a forma de pequenos contos (4-5 páginas), com o objetivo de capturar a atenção fugitiva do universo atual de leitores que demandam textos curtos e rápidos. Os contos apresentam-se como elos, ligados pela narrativa geral, mas podendo ser lidos separadamente.¹² A escrita foi muito prazerosa, a ver se suscitará o mesmo prazer entre os leitores. A apreciação e a re-visitação crítica de partes essenciais da vida e das circunstâncias foram exercícios interessantes que me proporcionaram um ajuste de contas enriquecedor. Assim como os professores são, segundo o bordão profissional, os que mais aprendem com as boas aulas, penso que os autores de textos, sobretudo os autobiográficos, têm melhores chances de amadurecer do que seus leitores (sem ofensa!)

A trajetória de Julius Martov

Dedico-me atualmente a uma outra biografia ainda sem previsão de publicação, mas que me tomará certamente muito tempo. Tratarei de discutir

¹¹ Cf. BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2013.

¹² Ver AARÃO REIS, Daniel. *Na corda bamba: memórias ficcionais*. Rio de Janeiro: Record, 2024.

a trajetória de Julius Ossipovitch Tsederbaum, o Martov, um revolucionário judeu e russo.¹³

Na minha juventude, não passava de um maldito. Derrotado e fracassado. No contexto da clássica metáfora ferroviária do desvio, Martov era detentor de todos os defeitos: vacilante, moderado, teoricista, dogmático, incapaz de perceber as ondas revolucionárias em movimento. Suscitou até hoje pouca atenção acadêmica e mesmo os que o estudaram terminaram concluindo que suas tentativas de associar socialismo e democracia estavam destinadas mesmo a serem derrotadas, eis que as tradições autoritárias, firmemente enraizadas na Rússia, constituiriam uma espécie de lei de bronze, determinando a emergência de um socialismo de quartel, militarizado, autoritário. Quando pensavam sobre a Rússia e os russos, os social-democratas alemães suspiravam, desolados: das ist Russland (isto é a Rússia). Em outras palavras: não havia como esperar que naqueles solos germinasse um socialismo democrático. Ou uma democracia socialista. Como Julius Martov sempre lutou por este par de variáveis, recuperarei sua trajetória para avaliar as chances – perdidas – de uma combinação – possível, mas improvável – entre revolução, socialismo, liberdade e democracia.

Minhas escolhas por biografias e autobiografia de projetos e individualidades alternativas não apenas evidenciam inclinações favoráveis à mudança, à transformação social e à revolução, em variadas modalidades, mas também a possibilidade, através desses mesmos textos, e como acontece sempre com os estudos sobre alternativas perdidas, de compreender melhor porque não vingaram e também – em negativo – como e porque se tornaram hegemônicas as tendências que, afinal, prevaleceram nas sociedades em que viveram os biografados.

Quis compartilhar experiências concretas de escrita biográfica e autobiográfica. Agradeço aos organizadores do seminário o espaço concedido e espero bem ter contribuído para as reflexões a respeito de um objeto comum.

Texto recebido em 22 de setembro de 2025. Aprovado em 15 de outubro de 2025.

¹³ Recentemente foram publicadas versões em português e em inglês de um primeiro texto a respeito de Martov. Para a versão em português, ver *idem*, As revoluções russas e a hipótese democrática – a trajetória de J. Martov. In: CORDEIRO, Janaína Martins e LIEBEL, Vinicius (orgs.). *Paz e guerra na Europa contemporânea*. Belo Horizonte: Fino Traço/CNPq/Faperj, 2025. Para a versão em inglês, ver AARÃO REIS, Daniel, The russian revolutions and the democratic hypothesis: the trajectory of Julius Martov. In: SEGRILLO, Angelo (org.). *Lesser known aspects of the russian historical experience*. São Paulo: Laboratório de Estudos da Ásia (LEA)/ FFLCH/USP, 2025. Disponível em <<https://www.usp.br/lea/arquivos/livrolea2025.pdf>>.